

3414.761
C1412
Tombo 1023/16
Sysno 1178981

*Título original: ELOGIO DEI GIUDICI SCRITTO DA UN AVVOCATO.*  
 Copyright © 1989 Ponte alle Grazie editori srl. Firenze.  
 Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,  
 São Paulo, 1995, para a presente edição.

1ª edição  
 junho de 1995  
 5ª tiragem  
 fevereiro de 2000

Tradução  
 EDUARDO BRANDÃO

Revisão técnica  
 Sérgio Sêrvulo da Cunha  
 Revisão gráfica  
 Teresa Cecília de O. Ramos  
 Andréa Stahel M. da Silva  
 Produção gráfica  
 Geraldo Alves  
 Capa  
 Roberto Innocenti

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
 (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Calamandrei, Piero.  
 Eles, os juízes, vistos por um advogado / Piero Calamandrei ;  
 [tradução Eduardo Brandão]. – São Paulo : Martins Fontes, 1995.

Título original: Elogio dei giudici scritto da un avvocato.  
 ISBN 85-336-0401-7

1. Advogados – Itália 2. Juízes – Itália 3. Justiça I. Título.

95-1842

CDU-347.96(450)

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Itália : Advogados e juízes 347.96(450)
2. Itália : Juízes e advogados 347.96(450)

*Todos os direitos para a língua portuguesa reservados à*

**Livraria Martins Fontes Editora Ltda.**

Rua Conselheiro Ramalho, 330/340

01325-000 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 239-3677 Fax (11) 3105-6867

e-mail: [info@martinsfontes.com](mailto:info@martinsfontes.com)

<http://www.martinsfontes.com>

O presente volume foi traduzido da  
 4ª edição de *Elogio dei Giudici*,  
 publicada em 1959, da qual se reproduz  
 também o projeto gráfico.

\* *Fiz uma longa viagem para ir debater uma difícil causa cível num distante tribunal de apelação; mas quando cheguei, antes de começar a sessão, o presidente mandou me chamar em seu gabinete e me disse cortesmente:*

— *Desculpe, advogado, mas o julgamento precisa ser adiado.*

— *Excelência, fiz a viagem especialmente...*

— *Compreendo e sinto muito pelo senhor; mas o relator que estudou a causa ficou doente ontem e tive de substituí-lo. E o novo relator ainda não teve tempo para estudá-la.*

— *Não me parece que isso torne o adiamento necessário. Nós, advogados, procuraremos falar da maneira mais simples e precisa, de modo que o novo relator, se tiver a bondade de nos ouvir, começará assim a se informar sobre as questões e, depois, achará muito mais fácil o estudo dos autos.*

*O presidente pôs-se a rir:*

— *Infelizmente, o novo relator não está em condições de ouvir os advogados: é completamente surdo.*

*Fiquei estarrecido. E ele, sorrindo, acrescentou:*

— *Sinto muito mesmo, mas é necessário dar tempo ao relator para ler os autos, e adiar os debates para daqui a quinze dias.*

— *Está bem, excelência. Mas daqui a quinze dias ele não continuará surdo?*

— *Claro. Mas quando daqui a quinze dias estiver informado da causa através da leitura do processo, poderá assistir aos debates com algum proveito, pois pelos gestos que os senhores farão e pelo movimento dos lábios poderá captar com certa aproximação, ajudando-se com a referência às defesas escritas, as argumentações orais dos senhores. E se não as entender, nós do colégio, que as teremos ouvido, as contaremos a ele em câmara de conselho.*

*Voltei pontualmente quinze dias depois e, no debate oral, procurei dar a entender por meio de gestos, ao relator que me fitava com olhos arregalados, a diferença entre prescrição e decadência. É um pouco difícil conseguir exprimir essa diferença com gestos e, na verdade, visto que a decisão, que saiu seis meses depois, me fez perder a causa, devo concluir que não consegui.*



\* *Toda vez que debatera diante daquele tribunal notara a face severa daquele magistrado, que enquanto eu falava olhava continuamente para mim, fixo e impassível, sem que nunca um movimento ou um franzimento do rosto deixasse transparecer suas im-*

pressões. A mim, toscano, sucede algumas vezes, mesmo quando trato de graves questões de direito, deixar escapar alguma expressão chistosa; e vejo então, com prazer, passar pela face dos magistrados que me ouvem um esboço de sorriso, como um instante de distensão, pelo qual penso não me serem ingratos. Mas com este não era assim. Qualquer chiste caía no vazio; enquanto os outros riam, ele me fitava com aquela mesma expressão sisuda, que me deixava gelado. Ele se tornara para mim a imagem viva da austeridade da justiça, que não admite brincadeiras ou divagações.

Alguns anos depois, aquele magistrado, tendo chegado à idade-limite, pôs-se a exercer a profissão de advogado; assim, certa vez, aconteceu-me encontrá-lo como colega de defesa, às vésperas de um julgamento em que, devendo-se debater uma causa muito complexa, a tarefa devia ser necessariamente dividida entre os vários defensores.

Estávamos reunidos para estabelecer essa divisão de trabalho. Ele se manteve o tempo todo à parte, mas, quando por fim nos dirigimos a ele, dissenos, com uma franqueza que todos admiramos:

— Desculpem. Caso se tratasse de escrever, eu assumiria de bom grado minha parte, mas quanto a falar não me sinto competente, porque, por um velho defeito de audição, a mais de um metro de distância não consigo ouvir o que diz o interlocutor.

Compreendi então por que ele nunca ria quando magistrado: juízes e advogados, na sessão, ficam a uma dezena de metros uns dos outros. Parecia austero, mas era surdo.



Essa história requer um adendo, que me foi sugerido por um colega advogado que sabe muita coisa sobre os mistérios dos julgamentos, por ser filho de um velho magistrado aposentado.

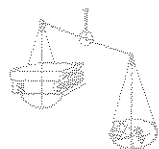
Eu estava lhe contando a história do juiz que nunca ria na sessão porque era surdo. Ele me interrompeu: — Cuidado, nunca se fie nesses sintomas. Também há surdos que sorriem na hora certa, porque espiam com o rabo dos olhos a cara do presidente e pautam-se por ela. Um remédio milagroso, que dá a audição aos surdos e a visão aos cegos: o conformismo.



\* *Saber ouvir as razões alheias é a primeira virtude do juiz. A audição é o sentido mais precioso e mais necessário (o sentido profissional, poder-se-ia dizer) de quem está destinado por sua profissão a ficar sentado e calado a vida inteira, ouvindo quem fala de pé.*

*Por isso, no centro do processo está a audiência. Sem ouvido, não há audiência. Seria inútil anunciar que a audiência está aberta, se os ouvidos dos juízes permanecessem fechados. No entanto, infelizmente, acontece que os magistrados, quanto mais ganham em dignidade, mais perdem em apuro de audição. Assim, um deles me confessou:*

*— Nossa carreira (e nossa tragédia) está toda nisto: começamos auditores e terminamos surdos.*



\* *Para entender o verdadeiro móvel de certas impaciências dos juízes em audiência e para justificar o modo brusco com que às vezes interrompem o defensor prolixo, é necessário não esquecer que eles também são feitos de carne e osso e que sua resistência tem um limite. Mas é preciso lembrar-se disso também para não entender mal algumas ex-*

*cessivas complacências e inusitadas cortesias por parte deles.*

*Havia um velho presidente de tribunal que, entre os achaques da idade, tinha um bastante aborrecido, que o impedia de ficar sentado mais de meia hora. (O caso não é novo. Quando, entre os requisitos formais de validade da sentença, exigia-se que ela fosse pronunciada por um juiz sentado, porque o fato de estar sentado no trono era o símbolo do comando, surgia em torno dessa regra toda uma casuística de hipóteses excepcionais: se era ou não válida a sentença pronunciada por um juiz a cavalo, ou por um juiz assomado ao balcão de uma torre, ou mesmo por um juiz que algum incômodo impedisse de ficar sentado. E eram variadas, sobre esses áridos problemas, as opiniones doctorum.)*

*Dizíamos, pois, que havia um velho presidente de tribunal que, por essa sua necessidade de se levantar, era obrigado a suspender por alguns instantes a sessão, a cada meia hora. Quando um advogado ao falar ultrapassava vinte minutos, o presidente começava a se mexer em seu assento e a dar sinais de inquietação e de angústia; mas, ao mesmo tempo, seu rosto assumia um ar conciliador e de insinuante bonomia... Encarava o advogado como se este lhe agradasse muito, debruçava-se na direção dele e começava a lhe sorrir, a acompanhar com gestos benevolentes suas frases, a fazer-*

*lhe que sim com a cabeça. E, por fim, o interrompia, mas suavemente, para lhe dar razão:*

*— Sim, sim, advogado, entendi sua tese. Falou bem, muito bem, entendi perfeitamente. Sim, sim, advogado, não é preciso dizer mais nada...*

*E apoiava as mãos nos braços da poltrona, como que para se levantar, para dar-lhe a entender que estava convencido de suas razões.*

*Um advogado novato, a primeira vez que sustentou diante desse tribunal, saiu triunfante. E contava aos amigos seu triunfo:*

*— Enquanto eu falava, o presidente não fez outra coisa além de me sorrir e aprovar. Ficou extasiado. No fim da minha sustentação estava tão comovido que, por causa da emoção, suspendeu bruscamente a sessão e saiu... Percebi que mal continha as lágrimas.*



## XVI

### DA ARQUITETURA E DO MOBILIÁRIO FORENSES